

Gestão de Grupo de Pesquisa: uma Caminhada a Ser Contada

Cristina Novikoff
c_novikoff@yahoo.com.br
UNIGRANRIO

Resumo: Apresenta-se neste artigo, a experiência vivenciada, no decorrer de uma década, de gestão do Laboratório do Grupo de Estudos e Pesquisas em Representações Sociais na/para Formação de Professores - LAGERES/Unigranrio. A proposta é desmistificar e difundir a arte de gerenciar o processo de produção de conhecimento científico, desde a criação de um grupo, passando pela organização documental até chegar a difusão dos produtos. O desafio está em acolher ideias inovadoras para além dos critérios tradicionais de ciências e ousar a criação interdisciplinar. São apresentados os processos de formação de parcerias, de criação de projetos, de planejamento e desenvolvimento de eventos e de diferentes produtos, de modo a propiciar aos interessados na vida acadêmica, um cenário pouco conhecido e difundido em eventos. O Lageres, além de discutir aspectos teóricos e desenvolver procedimentos metodológicos e tecnológicos voltados para a pesquisa e gerenciamento dos processos de produção e de pessoas. Assim, implementa práticas de desenvolvimento científico, tecnológico e social na/para a formação de pessoas, sejam professores, administradores, psicólogos, publicitários, jornalistas, pedagogos, médicos, engenheiros, de modo orgânico, em diferentes níveis de ensino. O foco deste é além de demonstrar a gestão de um locus de ciências-acadêmica, também relatar o *módus operandis* deste laboratório, ilustrando algumas atividades de pesquisa e seus colaboradores. Para descrever este processo são apresentados os principais processos de gestão que embasa o funcionamento de um grupo de pesquisa. Os procedimentos metodológicos utilizados para gerar este artigo foram o estudo bibliográfico e o relato de experiência. O bibliográfico examinou até o presente momento 30 sites e blogs e 45 textos científicos nacionais e internacionais coletados à luz dos descritores: gestão; grupos de pesquisa; ciências. Resulta daí a elaboração de uma tabela analítica para discussão crítica da vida acadêmica

brasileira, em especial em espaços administrativo privado. Os primeiros resultados já apontam os conflitos de interesse acadêmico e econômico cindindo a relação entre o pesquisador e a Instituição de Ensino Privada. Deste, surgiram dois estudos analíticos, um sobre profissionalização docente no ensino superior e o presente texto: gestão de pesquisa uma caminha a ser contada.

Palavras Chave: Grupos de pesquisa - Gestão - Ciências - -

1- INTRODUÇÃO

A Administração enquanto ciência desde seu surgimento tem contribuído com inúmeras outras áreas de conhecimento. A sua abordagem epistemológica é rica e variada em conceitos, teorias e métodos de gestão.

Interessa neste artigo discutir o lugar da administração na gestão de grupo de pesquisa, em especial, na área interdisciplinar em que a Educação se faz presente. Nesta direção o presente artigo visa descrever uma experiência vivenciada (JODELET, 2003) de criação de um grupo e da gestão de conhecimento e de processos empregados para seu funcionamento eficiente. Assim, é descrita a construção da memória de um grupo específico de estudo e pesquisa interdisciplinar, sua organização e procedimentos necessários para administrar os inúmeros processos burocrático, jurídicos, financeiros e acadêmicos.

Antecipa-se que não se trata de proposição de funcionamento, mas da coragem de expor o recurso teórico-metodológico empregado pelo grupo de pesquisadores de diferentes instituições que trocam experiências para pensar e gestar o conhecimento por meio da pesquisa científica. Lembrar que para se adquirir o conhecimento novo, o homem passa por idas e vindas às ideias herdadas e delas retiram o que lhes é entendido como pertinente para propor as próprias ideias (BRASIL, 2004).

Portanto, neste artigo é desenvolvido um breve relato de experiência pautada na gestão do Laboratório do Grupo de Estudos e Pesquisas em Representações Sociais na/para Formação de Professores - LAGERES/Unigranrio. Cabe esclarecer, que este artigo é uma síntese do imenso e complexo trabalho de todos os seus membros que adentraram no Lageres e desenvolveram seus estudos e, continuam contribuindo com a filosofia do compartilhar conhecimentos pessoais, acadêmicos e profissionais – materializando a humanização das ciências.

As ciências humanas como espaço de produção de conhecimento sobre o homem e suas relações sociais, psicológicas, históricos, políticos, econômicos entre outros, já não assenta seus estudos em métodos ou técnicas únicas e rígidas. Por igual, não aceitam receitas de aplicação imediata que garantam a obtenção de resultados objetivos e exatos.

Nesta perspectiva mais aberta, interdisciplinar ou transdisciplinar, a gestão de grupos de pesquisa tem buscado novas propostas de investigação científica e linguagens. O Lageres é um dos exemplos desta nova fase da produção científica.

Os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento deste texto são pautados nos estudos bibliográficos e de relato de experiência. O bibliográfico examinou até o presente momento 30 sites de grupos de pesquisa e 450 textos científicos coletados à luz dos descritores: grupos de pesquisa; gestão; ciências. Os resultados assinalam a pouca discussão do tema e sua emergência considerando a produção do conhecimento exigir administração do tempo, processos e pessoas.

Os ativos sejam tangíveis ou intangíveis cabe registrá-los para guarda na memória do grupo o esforço, empenho e dedicação que delineiam a cultura científica dos grupos de pesquisa no Brasil.

Em síntese, são apresentados os significados e processos de gestão, para ilustrar a gestão do grupo de pesquisa universitária, de modo a propiciar aos interessados na vida acadêmica, um cenário pouco conhecido e difundido em eventos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para analisar o tema de nossa discussão – a gestão de grupo de pesquisa, faz-se importante delimitar o mesmo a partir de outros que o cercam para situar o leitor nos elementos conceituais que nortearam nossas preocupações, em busca de novas proposições de gerenciamento, sem cair no esvaziamento quantitativo, ausente de qualidade.

O primeiro diz do entendimento de ciências, sem se reportar a dicionários ou filósofos, mas também, sem os esquecer, traduzimos suas ideias de modo claro e objetivo. Segue para a noção de grupo de pesquisa e seus limites e possibilidades, com a apresentação de dados estatísticos sobre os mesmos a partir da leitura da plataforma do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq. Na sequência é discutida a noção de gestão e, finalmente, no mesmo tópico é apontada a noção de gestão de grupo de pesquisa.

2.1 Ciências

As ciências, em suas diferentes áreas, buscam se organizar por meio de um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos e, com uso de tecnologias diversas para estudar e solucionar alguma coisa (linguagem, sujeito, mundo, objetos, natureza). Mas vale destacar que a ideia central das ciências é de que não existe um método único, objetivo e seguro de se fazer ciência.

A produção do conhecimento científico passa por diversas proposições. As gregas, em especial nas platônicas, assinalavam que o conhecimento estava no espírito, portanto, inato e bastava contemplar o mundo espiritual para conhecer. Aristóteles, mais centrado no imanente ressurge no pensamento da modernidade para desenvolver a abordagem do conhecimento, difundido por nomes como Hume, Berkley e Locke. A proposição aristotélica acentua a emergência das sensações e observações acerca de determinado objeto de estudo.

As duas abordagens de produção do conhecimento – interna e inata ao homem e a externa, fora do homem assombram muitos pesquisadores da atualidade em busca da “verdade”.

As diversas concepções do que seria o conhecimento sustentam os grupos de pesquisas na tentativa de esclarecer determinadas questões referentes à natureza, ao homem e as coisas em geral. Nas ciências humanas e naturais, o vivente e suas dimensões internas e externas são estudados por diferentes caminhos metodológicos e teóricos, dependendo da aceção de ciências a que se afiliam.

As ciências, em especial, as humanas ainda se encontram em processo de amadurecimento.

Cabe descortinar a legislação a respeito das finalidades do Ensino Superior. Resumidamente pode-se assinalar que o PNE estabelece como missão educacional, institucional e social do ensino superior, promover por meio da produção de conhecimento:

- Oferta de educação básica de qualidade, garantindo a formação dos profissionais do magistério; a formação dos quadros profissionais, científicos e culturais de nível superior;
- Produção de pesquisa e inovação, a busca de solução para os problemas atuais e, em todos os campos da vida e da atividade humana;
- Introdução do País à altura das exigências e desafios do séc. XXI;
- Desenvolvimento científico e tecnológico;
- Redução das desigualdades;
- Projeção da sociedade brasileira num futuro melhor;
- Adequação da universidade como lugar da articulação do ensino, pesquisa e extensão.

Nesta perspectiva, a LDB, em seu capítulo IV, desenvolve do artigo 43 ao 57 as normas do ensino superior. Segue a redação do artigo 43 que cuida da finalidade da educação superior:

- I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Observa-se que as ciências perpassam pelo PNE e por todas as finalidades do Ensino Superior, carregando a ideia de produção do conhecimento. Dai questionar se os grupos de pesquisa brasileiros estão indo nesta ou noutra direção. Quais grupos têm despontado no cenário nacional e internacional? Quais as estratégias de estudo e produção e conhecimento? As respostas exigem um alargamento no levantamento de dados e profundidade em sua análise. Mas para isto os grupos teriam que ceder informações. Aqui qualquer projeto desta natureza sucumbe.. A falta de cumplicidade entre grupos do setor público com o privado é percebida nos eventos que pouco se apresenta ou abre para dividir experiências de gestão. Neste sentido, o Lageres vem se empanhando para promover essa discussão.

2.2 Grupo de Pesquisa

Antes de adentrar nos grupos de pesquisa, cabe esclarecer que a divulgação científica no Brasil se configurou como necessária na definição de políticas públicas municipais, estaduais e federais e se consolidou a partir da década de 1980 (PORTO, 2009).

Os grupos de pesquisa no Brasil são, atualmente, observados pelas plataformas dos órgãos de fomento. A mais completa é o do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - CNPq¹,

[...] constitui-se no inventário dos grupos de pesquisa em atividade no País. As informações nele contidas dizem respeito aos recursos humanos constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, à produção científica, tecnológica e artística e às parcerias estabelecidas entre os grupos e as instituições, sobretudo com as empresas do setor produtivo. Com isso, é capaz de descrever os limites e o perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil.

Segundo o DGP/CNPq, os grupos de pesquisa inventariados localizam-se, principalmente, em universidades, instituições isoladas de ensino superior, institutos de pesquisa científica e institutos tecnológicos. E as informações do Diretório “podem ser atualizadas continuamente pelos atores envolvidos, e realiza censos bi-anuais”.

¹ Cf. <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>

A distribuição dos grupos de pesquisas, por área de conhecimentos registrada no ano de 2010 chega a 19.470, segundo dados do Diretório, conforme a tabela 2.

Tabela 2: Distribuição dos grupos de pesquisa segundo a grande área do conhecimento predominante do grupo 1/ - 2004-2010.

Grande área do conhecimento	2004		2006		2008		2010	
	Grupos	%	Grupos	%	Grupos	%	Grupos	%
Ciências da Natureza	5.280	27,1	5.304	25,2	5.542	24,3	6.482	23,6
Engenharias e C. Computação	2.826	14,5	2.844	13,5	3.027	13,3	3.548	12,9
Ciências Exatas e da Terra	2.454	12,6	2.460	11,7	2.515	11,0	2.934	10,7
Ciências da Vida	7.929	40,7	8.275	39,4	8.834	38,8	10.380	37,7
Ciências da Saúde	3.371	17,3	3.610	17,2	3.961	17,4	4.573	16,6
Ciências Biológicas	2.561	13,2	2.624	12,5	2.696	11,8	3.108	11,3
Ciências Agrárias	1.997	10,3	2.041	9,7	2.177	9,5	2.699	9,8
Humanidades	6.261	32,2	7.445	35,4	8.421	36,9	10.661	38,7
Ciências Humanas	3.088	15,9	3.679	17,5	4.219	18,5	5.387	19,6
Ciências Sociais Aplicadas	2.120	10,9	2.501	11,9	2.754	12,1	3.438	12,5
Linguística, Letras e Artes	1.053	5,4	1.265	6,0	1.448	6,4	1.836	6,7
Total	19.470	100	21.024	100	22.797	100	27.523	100

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-grande-area>

A região sudeste ainda é a mais privilegiada em número de formação de grupos de pesquisa. No ano de 2010 representavam 46% do total de 27.523, conforme tabela 1.

Tabela 1: Distribuição de grupos de pesquisa por regiões brasileiras de 2004 a 2010.

Região	2004		2006		2008		2010	
	Grupos	%	Grupos	%	Grupos	%	Grupos	%
Sudeste	10.221	52,5	10.592	50,4	11.120	48,8	12.877	46,8
Sul	4.580	23,5	4.955	23,6	5.289	23,2	6.204	22,5
Nordeste	2.760	14,2	3.269	15,5	3.863	16,9	5.044	18,3
Centro-Oeste	1.139	5,9	1.275	6,1	1.455	6,4	1.965	7,1
Norte	770	4,0	933	4,4	1.070	4,7	1.433	5,2
Brasil	19.470	100	21.024	100	22.797	100	27.523	100

Fonte: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-regiao>

A média de existência dos grupos de pesquisa é de 6.9. Isto mostra o quanto é difícil dar continuidade em um grupo em razão de múltiplos fatores. Entre eles, a capacidade intelectual, financeira e tecnológica do grupo em buscar recursos para sua sustentabilidade.

Discussão semelhante é pontuada por Lima e Amaral (2008), ao identificar as práticas de gestão do conhecimento utilizadas por grupos de pesquisa específicos da rede do Instituto

Fábrica do Milênio - IFM. Dentre os diversos problemas são pontuados: falta de tempo; inexistência de um sistema para compartilhamento; transmitir aos alunos a importância da gestão do conhecimento; dificuldade de trabalho conjunto entre grupos de pesquisa; excesso de informação; inexistência de registros históricos sobre os trabalhos do grupo; dificuldades de comunicação; rotatividade; alta rotatividade dos alunos e; divulgação do conhecimento.

Os pesquisadores apontam sugestões das quais compartilhamos e tentamos difundir para que outros grupos se sintam instigados a divulgar novas práticas em prol da ciência. Entre as propostas está a pesquisa de “soluções (métodos, ferramentas, entre outros) capazes de gerar procedimentos formais neste ambiente específico” (LIMA; AMARAL, 2008, p. 303).

Em relação à produção, fim mesmo para muitos grupos de pesquisas, em especial os associados a programas de pós-graduação stricto sensu que são avaliados pela CAPES é preocupante. Apesar dos números serem grandes em 2014, no período de 2010, ainda era tímido, conforme a tabela 3.

Tabela 3: Distribuição da produção e produtividade C&T dos pesquisadores segundo o tipo de produção de 2004 a 2010.

Tipo de produção/Ano	Número de produções			
	2004	2006	2008	2010
Artigo de circulação nacional	25.989	38.873	43.031	56.469
Artigo de circulação internacional				
Anais	25.133	47.906	63.962	81.047
Livros	4.840	6.308	7.244	9.126
Capítulos de livro	18.320	28.633	37.303	49.970
Produção técnica	1.154	1.793	1.952	2.562
Teses	3.493	5.080	5.899	7.276
Dissertações	16.650	22.040	26.012	31.128
Doutores	8.187	10.653	13.107	17.009

Fonte: Adaptado de <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/>

Observa-se a necessidade de se ampliar os números de cursos de doutorados para aumentar a capacidade de produção do Brasil, bem como a eficiência e eficácia dos recursos, “enquanto transformadores ou direcionadores das atividades de pesquisas universitárias” (KANNEBLEY JÚNIOR; CAROLO; NEGRI, 2013)

2.3 Gestão do grupo de pesquisa

Gestão é um conceito relativamente novo. Advém da administração de empresas, mas é essencial para se trabalhar em diversas atividades em que se encontram grupos, sejam eles pequeno, médio ou grande. Nos ancoramos em Raymundo (2006) para caracterizar a administração como um conjunto de atividades multicientífico e multidisciplinar aplicado em todos os departamentos da vida antiga e moderna.

A gestão das ciências no âmbito dos grupos de pesquisa exige conhecimentos e práticas nem sempre ensinados durante a formação acadêmica, apesar da obrigatoriedade legislativa vista anteriormente e a exigência de se elaborar um trabalho final de cursos, resultante de uma pesquisa. Assim, quando o estudante que opta pela vida na academia como professor e precisa desenvolver e gerenciar algum grupo de pesquisa, se vê desamparado. Busca por conta própria seus pares, que nem sempre sabem realizar pesquisa e se veem na velha situação de ensaios e erros, mais erros que acertos.

A noção do que seja pesquisar vem antes do gerenciar. Este distanciamento deve ser encerrado e trabalhado na academia para que a ciência no Brasil ganhe mais profissionalismo e competitividade. Somente se desenvolve pesquisa com excelência ao se eleger e adotar alguns procedimentos específicos que elencamos em três níveis interdependentes. O primeiro de ordem acadêmico-filosófica é mais o anunciado, em especial por meio de artigos e eventos científicos; o administrativo, que é menos divulgado e é o objeto de discussão deste artigo. Já o nível político é guardado e protegido para poucos e nunca é difundido. Dele apenas são conhecidos suas pontas: os concorridos editais.

A gestão dos grupos de pesquisa sob a ótica administrativa depende, em muito, tanto das Instituições em que estão inseridas (públicas, privadas, mistas), como de órgãos de Fomento, em especial do *CNPQ*², *CAPES*³ e das Fundações de Apoio à Pesquisa de cada estado, como, por exemplo, a *FAPERJ*⁴ entre outros.

A gestão de um grupo passa por gestão de conhecimento e de processos. Esses são concomitantes e se retroalimentam das produções entre si. Noutras palavras, os entendimentos de um grupo sobre gestão o leva a atuar/gerenciar do modo representado/entendido. Estas formas epistemológicas e processuais são impulsionadas pela condição social e histórica de cada grupo, contexto em que estão inseridos, perpassando pela espiral da cultura científica (VOGH, 2010).

A cultura científica, tanto em Oliveira e Fonseca (2010), como ancorada na teia de significações de Geertz (1989, p.21) nos possibilita delineá-la como uma "teia de significados que o homem das ciências tece ao seu redor e que ao mesmo tempo o amarra". O conceito engendra, assim, a vida científica, de modo que o conhecimento gerado/significado nutre o grupo de pesquisa e a ciência de modo lato, historicamente e socialmente.

3 METODOLOGIA

O desenho metodológico usado neste e, em outros textos dentro do Lageres, como discutido na dimensão teórica é ancorado na proposta de preparação, estudo, desenvolvimento e apresentação de pesquisa acadêmico-científica denominada de Dimensões Novikoff - DN. As dimensões passam por cinco etapas, didaticamente organizadas para nortear cada fase da pesquisa. Assim, esta pesquisa foi organizada didaticamente perpassando por cinco etapas: epistemológica, teórica, técnica, morfológica e analítico-conclusiva.

A primeira tarefa das dimensões é sempre de levantamento do Estado do Conhecimento⁵, para se verificar em que lugar se encontra as pesquisas referentes ao eixo temático de um determinado estudo. Para o artigo em apreço buscou-se no banco Scielo três indexadores: gestão de grupos de pesquisa; gestão e; ciências.

Os dados foram tratados na Tabela de Análise de texto das DN, passando pela análise de conteúdo (BARDIN, 2004) de modo a tipificar atributos conhecidos (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002 in BAUER; GASKELL, 2002) viabilizando a análise de significados dos artigos estudados.

Na sequência foi delineado o texto a partir da revisão bibliográfica e da solicitação dos participantes do Lageres, em relatar a nossa experiência, por acreditarem na necessidade de

² CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

³ CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁴ FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

⁵ Romanowski e Ens (2006), definem o "Estado da Arte" diferenciando-o da definição de "Estado do conhecimento". Este se refere ao estudo de textos/publicações e resumos. Aquele ao a "sistematização da produção numa determinada área do conhecimento [...]". Isto equivale a dizer, que não basta estudar resumos, mas todo o corpus teórico que o originou.

sua difusão para corroborar com os grupos interessados em desmistificar a ciências humanas como ciências sem rigor científico. Os pontos discutidos foram quais estratégias de gestão são adotadas para manter o rigor científico na produção do grupo? Quais as dificuldades e soluções possíveis? Em que o grupo pode e deve se ancorar para melhorar sua produção?

O corpus para análise foi constituído após as primeiras filtrações. Como resultado se chegou a 10 artigos de 37, sobre gestão; 12 de 128 sobre ciências e somente 3 de 8 sobre gestão de grupo de pesquisa. Nenhum detalhava seus procedimentos. Os trabalhos elaborados são extensos e foram organizados na tabela de coleta de dados das DN. Acreditamos que a tabela nos remete a ideia do psicanalista Sérgio Laia⁶ ao discorrer sobre o seu significado para “obra”:

Não basta [...] que um corpo escreva para que haja obra. É preciso, também, que esse corpo possa, ao escrever, se inventar um autor, inventar, com sua obra, uma “coerência textual” e, por que não, uma assinatura, que seja equivalente ao próprio “nome do autor” e que possa circular para além dele mesmo, para além do que ele escreve e, assim, modificar o campo do Outro (LAIA, 2001, p. 103).

Os conceitos e teorias tratados foram distribuídos ao longo da discussão teórica e na dimensão analítico-conclusiva.

Segue a descrição do relato de experiência como parte da metodologia empregada.

3.1 Relato de experiência

Sinteticamente descrevemos a experiência vivenciada de criação e gestão de um grupo de pesquisa. Esclarecemos que não se trata de modelo ou de manual, mas de uma narrativa histórica para compartilhar uma experiência norteadora por perdas e ganhos.

Em maio, como Pedagoga de Ensino Superior trabalhamos no Programa de Qualidade Total da IES. Esta experiência foi significativa para aprender a gerenciar processos educacionais. A partir daí as diferentes ferramentas da proposta de gerenciamento com qualidade passam a ser importantes na organização do nosso trabalho docente/pedagógico.

Em agosto de 1999, adentramos no programa de mestrado da UERJ e com a importante e participação ativa do grupo de pesquisas da professora Miriam Grinspun nos possibilitou descortinar sobre a elaboração conceitos, de instrumento de coleta de dados e de estatística. A compreensão das diversas metodologias surgia na medida em íamos percorrendo os ensinamentos desta brilhante professora, somados aos conhecimentos construídos com os professores Carmem Mattos e Francisco Nunes. Já as noções teóricas de aprendizagem pautada na epistemologia piagetiana foram desenvolvidas junto ao professor Luiz Senna. No entanto, a análise crítica que guardamos aos dias atuais, aflorou com Lilian do Vale.

No período de 2000 aos dias atuais ministramos aulas de metodologia da pesquisa científica em diferentes cursos de graduação (Engenharia, Administração, Tecnólogos, Sistema de Informação, Educação Física) e de pós-graduação lato sensu (Saúde da Família, Medicina, Direito, Engenharia). No período do doutorado de 2004 a 2005, somente em pós-lato sensu.

Em julho de 2004, a autora ingressa no Programa de doutorado em Educação (Psicologia da Educação) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, para desenvolver uma pesquisa de intervenção na área da saúde na IES em que trabalhava. A tese denominada “As Representações Sociais sobre Ensino Superior de Professores de Graduação da Área da Saúde” foi com bolsa da CAPES e total dedicação à mesma com afastamento de

⁶ LAIA, Sérgio. *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

todas as atividades docentes, exceto em duas ocasiões em que a bolsa ainda não vigorava que estivemos a frente de aulas de pós-graduação lato sensu. Em 2006, defendemos a tese de que o ensino da saúde carregam representações inibidoras do cumprimento das funções do ensino superior e de que havia necessidade de investimento na cultura científica no espaço estudado. Neste processo formativo é criado um método de ensino de metodologia que experimenta em sua própria tese que acaba por desenvolver conceitos teóricos e metodológicos que frutifica aos dias atuais. Mais uma vez, a pesquisa em educação foi-nos vista como possibilidade de rigor científico para intervir e transformar o meio estudado. Esta conquista só foi possível devido à vivência em projetos de pesquisa com as professoras Clarilza Prado, Bernadet Gatti, Marli André, entre outras, que passamos a compreender melhor, a relação teoria e gestão do próprio trabalho de pesquisa. Período em que Castoriadis estudado na UERJ me ressurgia dialogando com Vigotski renascido com a professora Wanda Aguiar, que me valem até hoje.

Já no ano de novembro de 2004 criamos um grupo de pesquisa denominado Grupo de Estudos e Pesquisas em Representações Sociais – GERES, lotado no Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA, no estado do Rio de Janeiro. Inicialmente eram 5 professores e um estudante de iniciação científica voluntária. Neste período, o grupo conseguiu elaborar seis artigos oriundos dos estudos e das pesquisas realizadas em parceria com pesquisadores argentinos e participar de três eventos internacionais e 8 nacionais. Ainda não tínhamos concorrido a nenhum edital para buscar fomento. Nossos projetos eram custeados pelo próprio grupo e a Fundação Oswaldo Aranha, mantenedora da IES.

Em agosto de 2006, com um projeto pronto para concorrer em editais da época, acontece uma mudança de gestão na IES e o grupo se viu desfalcado com demissões e sem apoio para manter o grupo e participar de eventos, que antes recebia da mantenedora. Durante a gestão do novo reitor lutamos sem nenhum apoio da IES. Ficou notória a ideia de que a dimensão política tem força de determinação para a existência de um grupo (CASTORIADIS, 1989; MOSCOVICI, 2003). Mas, não determina. A vontade de continuar no mundo acadêmico, em especial, na vida científica nos levou a manter as parcerias. A estratégia foi pedir demissão e abrir em sua casa um espaço para montar as pesquisas e continuar a luta. Durante 8 meses de estudos teóricos e trocas de material de reflexões teóricas com os parceiros da Argentina e de colaboradores da UERJ de modo informal conseguimos manter a chama acesa.

Em 2007, contratada pela Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, a autora se vê reiniciando sua jornada, agora numa cidade distantes e com novos colegas, todos jovens doutores e sem experiência com a formação de grupo de pesquisa. Época de difusão de sua tese de doutoramento apresenta sua metodologia de ensino de metodologia da pesquisa científica e inicia com sucessos a difusão da mesma. No entanto, as mesmas questões “políticas” da IES de duas ordens, ou seja, a administrativa da IES que exigia o máximo de dedicação de horas na sala de aula e atividades extras provocando o aumento das horas em outras disciplinas que variavam a cada semestre, além das atribuições (participação em diferentes programas de pós-graduação – dois na IES e um fora desta; membro do Comitê de ética e pesquisa – CEP; professora e coordenadora de pós-graduação lato sensu). A outra de ordem administrativa dos programas elaborada a partir de representações sociais, os grupos começam a se organizar e aprender a trabalhar interdisciplinarmente e o fato de morar perto e estar junto com o grupo influenciou na sua composição. Sabemos o quanto as relações afetivas são determinantes nestes processos. Assim, tendo a dificuldade de se fazer presente fisicamente a autora recorre à formação de parcerias interinstitucionais, resultando em novas conquistas para o grupo.

Em 2010, o grupo se amplia e agora com apoio do CNPq, o então, grupo Geres se firma, com a denominação de Lageres. Iniciamos uma investigação sobre a formação do

professor, incluindo aí a “arte de ensinar a pesquisar”. Este projeto também possibilitou a experimentação das etapas tanto da gestão de pesquisa, como da gestão de um grupo de pesquisa. Esta é mediada pelas ferramentas de qualidade e pelas denominadas Dimensões Novikoff. Elas correspondem a uma abordagem de ensino-aprendizagem que, inicialmente, foi nomeada de “dimensões de estudo e pesquisa” e, posteriormente foi renomeada pelos alunos que a experimentaram a avaliaram como sendo produtiva. Logo, “batizaram-na” com o sobrenome de sua criadora. Este processo se deu no decorrer dos anos de 2007 a 2008, em razão do trabalho que desenvolvido na Universidade do Grande Rio, usado como material didático na modalidade semipresencial, na disciplina Metodologia da Pesquisa Científica.

Inicialmente o Lageres em 2010 foi composto por nove pesquisadores. Mas por motivos de força maior (novos contratos de trabalho em outra IES, aumento de funções), três professores não puderam continuar conosco já nos primeiros meses. Portanto, os nossos pesquisadores foram obrigados a se ausentarem do grupo. Neste ano resgatamos a parceria com o UniFOA e sua mantenedora que havia demitido o reitor de 2006.

Outrossim, aderiram ao nosso grupo outros professores que vale destacar como o professor Robson Dutra (*in memorian*), do Programa de Mestrado em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio; dois professores do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, um do Curso de Educação Física e outro do Mestrado em Ensino em Saúde e Meio Ambiente e; um da UERJ. Observamos que aumentamos de nove pesquisadores para dez.

Em relação aos participantes, alunos de cursos de mestrados, tivemos agregados ao projeto, 16 professores em formação (graduação e mestrado) que contribuíram com efetiva participação no LAGERES, coadunando seus projetos de pesquisa ao projeto denominado “As Representações Sociais sobre Formação de Professores (Inicial) para os professores dos cursos de Pedagogia e de Licenciaturas”. Sem descrever nomes, destacamos numericamente os mesmos. Assim, cinco distribuídas nos Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras e Ciências Humanas e três do mestrado de Ensino das Ciências da Educação Básica da Universidade do Grande Rio - Unigranrio; oito do Programa de Mestrado em Ensino em Saúde e Meio Ambiente do Centro Universitário de Volta Redonda. Também compõe o grupo, três estudantes de iniciação científica e passamos a ter mais um de iniciação científica júnior, no início do primeiro semestre de 2013.

Entre 2013 e início de 2014 entraram para o programa de Letras e Ciências Humanas, cinco novos professores, sendo que dois deles fazem contribuições na participação do Lageres. Além destes, entram mais três alunos de Iniciação Científica (IC), sendo um voluntário e dois com bolsa da IES e do Santander. Também agregamos um aluno de Iniciação Científica de Ensino Médio (ICEM). Atualmente somos vinte e cinco participantes internos e dois externos (UnB/Ar.), sem contar os estudantes e professores que nos buscam para aprender a trabalhar com a TABDN – principal instrumento do Lageres.

O interesse pela temática interdisciplinar e a dinâmica que foi estabelecida colaborativamente em rede, dentro do Lageres, teve um impacto surpreendente na comunidade, ampliando seus acessos em diferentes espaços institucionais, bem como no aumento dos participantes do grupo e da sua produtividade. Vale lembrar que a “perspectiva da rede cooperativa é uma alternativa que surgiu para além da teoria da dependência de recursos. As ações individuais se juntam para se tornarem mais competitivas e compartilhar recursos escassos” (BULGACOV; VERDU, 2001, p.165).

Aqui apontamos as de gestão do grupo de pesquisa de dois modos. O primeiro relacionado aos pesquisadores participantes e o segundo a gestão do processo político-administrativo – foco deste artigo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico apresentamos a gestão do Lageres e os dados relativos às atividades realizadas no período de 2010 a 2014. Lembramos serem resultados parciais coletados e tratados no período de maio de 2010 (ano de apoio financeiro do CNPq para o Lageres) a maio de 2014. Trata-se de miríade frente aos resultados alcançados ao longo de 10 anos de existência do Lageres.

Inicia-se por descrever sinteticamente o processo relacionado à gestão de pesquisadores, ou seja, a recepção e desenvolvimento colaborativo da pesquisa com os alunos de Iniciação Científica de Ensino Médio (ICEM); de Iniciação de Pesquisa Científica (PIC/Graduação); de pós-graduação lato sensu (Especializações); de pós – graduação stricto sensu (Mestrado e Doutorado).

A gestão do processo desde o planejamento, programação e o controle da produção (PPCP) é discutido em colaboração com os professores mais experientes e com colaboradores da nossa rede. Isto porque adotar um sistema de transformação e informações de serviços e produtos exige um olhar externo e critico que muitas vezes internamente passa despercebido. Vale lembrar que a experiência descrita sobre a vivência como Pedagoga Universitária, momento que aprendemos e realizamos os trabalhos pautados nas ferramentas da qualidade, nos ajuda a pensar sistemicamente e organicamente o processo de gestão do grupo de pesquisa a que somos responsável junto ao Diretório de Pesquisa CNPq. Assim, adotar as ferramentas de qualidade auxilia no gerenciamento de processos tendo em vista a melhoria contínua da qualidade. Entre elas o fluxograma, o PDCA e o 5W2H.

O fluxograma foi estruturado para representar de forma sequencial as etapas do processo de produção do Lageres. Nela é feito o detalhamento das atividades, permitindo um entendimento global do processo e de seus limites e possibilidades. É elaborado com uma série de símbolos padronizados, que representam as ações tomadas no processo analisado. A literatura é vasta sobre este aspecto, mas aqui se limita a trazer sua noção e valor para grupos de pesquisa, lembrando que os cinco W e dois H são parte do processo de planejamento em que se questiona: What? (O que?), Who? (Quem?), Where? (Onde?), When? (Quando?) e How? (Como?) e How much? (Quanto?)

Para descrever nosso fluxograma literalmente apresentamos as etapas de cada fase: 1) Recepção do interessado em participar do grupo; 2) Preenchimento da tabela de descrição de intenção de projeto de pesquisa; 3) Elaboração de projeto; 4) Submissão ao CEP quando necessário; 5) Busca de Fomento; 6) Treinamento dos pesquisadores com tecnologia de captação de imagem e som; 7) Treinamento para capacitação de narrativas escrita e oral; 8) Treinamento para realização de entrevista por meio de diferentes instrumentos como o Inventário de valoração e enfrentamento, a Técnica Projetiva de Desenho, Teste de evocação livre de palavras, questionário sócio-cultural, curtograma-educacional, formulário de registro de cenários, blogs e sites, etc.; 9) Participação do círculo de discussão individual; 10) Participação do círculo de discussão grupal; 11) Realização da pesquisa; 12) Elaboração de relatórios científicos (resumos, artigos, resenhas); 13) Elaboração para material de apresentação em eventos acadêmicos e científicos (aulas, comunicação oral, postres, oficinas, cursos diversos); 14) Elaboração de eventos; 15) Orientação em elaboração e orientação de projetos de ICs dos professores participantes de outras IES.

A primeira etapa ou recepção do interessado em participar do grupo ocorre em diferentes espaços e sempre acompanhada de conversa em grupo sempre acompanhada de uma ficha de registro de interesse e dados para contato, seguida de conversa sobre o funcionamento do grupo. Aqui a visita no Lageres é importante para o interessado observar a sua estrutura, as normas de funcionamento do mesmo, além de conhecer alguns dos

participantes. Atualmente o Lageres na Unigranrio está em reforma para sua ampliação e melhoria. Vale informar que os encontros ocorrem na Unigranrio, UniFOA e no Lageres em Volta Redonda, no escritório particular da autora que o espaço mais desejado e mais movimentado devido sua localidade e estrutura. Importa destacar que a autora tem a pesquisa como filosofia de vida e não se trata de trabalho assalariado, mas de convicção que a profissão docente universitária é a melhor escolha de sua atividade. Os participantes do Lageres desenvolvem a mesma paixão, o que consideramos ponto forte do grupo.

Após a recepção o participante deve preencher uma tabela de descrição de intenção de projeto de pesquisa. Esta apresenta todas as dimensões de um estudo científico, sintetizado e organizado por Novikoff (2010). Essas são denominadas de epistemológica, teórica, técnica, morfológica e analítico-conclusiva. Como uma primeira tarefa das dimensões, é feito um levantamento do Estado do Conhecimento no banco da CAPES e outros bancos de dissertações e teses e artigos científicos, concomitantemente a uma revisão bibliográfica, com o uso desta mesma tabela denominada Tabela de Análise de Textos Academicos-Científicos, segundo as DN - TABDN. Esta se delinea como um instrumento de coleta e de análise de dados e, permite gerar, e, simultaneamente, orienta na análise e elaboração de um projeto de pesquisa. É um mapa que o pesquisador desenha para realizar seus estudos e pesquisas.

Desta etapa é retirado o material necessário para se elaborar o projeto de pesquisa. Este é submetido ao Comitê de ética e pesquisa – CEP, conforme o caso, ou seja, se for trabalhar com seres humanos. Este exige alguns cuidados que orientamos e construímos sempre em grupo.

O Cronograma de Execução do Projeto descreve: Elaboração do projeto; Revisão bibliográfica; Envio ao CEP⁷; Revisão de material de pesquisa: questionário, recurso audiovisual, relatório de campo; Contrato de pesquisa, momento da pré entrevista; Treinamento com tecnologia de captação de imagem e som; Capacitação para elaboração de narrativas escrita e oral; Autoanálise e Técnica projetiva Inventário de valoração e enfrentamento; Círculo de discussão individual; Círculo de discussão grupal; Organização de análise dos dados I: Armazenamento; Organização de análise dos dados II: Tratamento; Processamento de informações gerais; Conclusões e recomendações da pesquisa; Elaboração de relatório etapas; Elaboração de texto final.

O planejamento de coleta de dados é traçado com os participantes do Projeto e a sequência é realizada em tempos distintos e com apoio da professora orientadora para distintas tarefas, como filmar a entrevista, fotografar cenários, discutir os dados à luz da teoria. A parceria é sempre materializada em ações conjuntas.

O projeto a ser encaminhado ao CEP, também é tratado para ser encaminhado aos órgãos de fomento por meio de Editais, uma vez que já se sabe do peso do investimento financeiro para garantir a qualidade de cada etapa.

O treinamento dos pesquisadores, como etapa concomitante com a leitura de diferentes textos, acontece com a aprendizagem sobre a tecnologia de captação de imagem e som. Esta é realizada em cursos gratuitos que o Lageres promove com o apoio dos professores especialistas no assunto. São usadas câmeras profissionais de vídeo e fotografia onde os participantes tem a oportunidade de realizar oficinas práticas para o aprendizado.

A mesma ação pragmática ocorre com o treinamento para capacitação de narrativas escrita e oral. Aqui a leitura de obras sobre o tema é acompanhada de resenhas e discussões em grupo. Há casos de aulas realizadas para que o próprio participante compreenda o tema.

⁷ Cf. <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>.

O treinamento para realização de entrevista (BLEGER, 1983) por meio do Inventário de valoração e enfrentamento, da Técnica Projetiva do desenho, do Curtograma-Educacional e EVOC é uma das tarefas mais difíceis, por exigir além da atenção na aplicação, à análise de dados que acompanha a interdisciplinaridade entre psicologia cognitiva, social e estatística.

A participação do círculo de discussão individual consiste em apresentar imagens e textos para cooperação nas reflexões. Aqui a imagem de si (AMOSSY, 2013) emerge desde o momento em que se estabelece o contrato ético tácito entre o pesquisador e o orientador. É uma das mais importantes, pois o orientador estando com o orientado deve ter uma postura ética em que busca afastar as emoções e se concentrar no discurso de modo atento e a gerar segurança e confiança entre a díade para gerar o discurso sustentado de honestidade. Só assim é possível apresentar os pontos fortes e as necessidades de intervenção junto ao orientado.

A participação do círculo de discussão grupal, com todos participando das discussões em forma de grupo focal, tem a liderança do moderador que dirige suas questões geradoras de uma discussão, e, na qual os participantes reagem uns aos outros. Nos casos em que haja polêmica que seja tratada com ética (GASKELL, 2002, p.79 *in* BAUER; GASKEL, 2002).

No decorrer das etapas e de acordo com o fôlego e capacidade do pesquisador são elaborados relatórios científicos (resumos, artigos, resenhas) e, também, acontece a elaboração para material de apresentação em eventos acadêmicos e científicos (aulas, comunicação oral, postreres, oficinas, cursos diversos). Assinalamos que a difusão dos conhecimentos e dos diferentes produtos (relatórios, trabalhos finais de cursos, dissertações, teses, artigos, vídeos, banco de dados, etc.) serve de ativos tangíveis nas avaliações, em especial para avaliar o impacto sobre a produtividade científica dos pesquisadores universitários envolvidos em projetos de pesquisa financiados ou não pelos órgãos de fomento ou fundos setoriais (KANNEBLEY JÚNIOR; CAROLO; NEGRI, 2013). Entretanto ao ativo intangível cabe o esforço, empenho de cada pesquisador do Lageres e de outros grupos em acreditar ser possível desenvolver pesquisa séria e rigorosa.

Outra atividade que se empenha é a organização de eventos acadêmico-científicos de modo a ampliar a participação do Lageres na cultura científica do nosso país.

A permanência dos participantes no Lageres ocorre pela ligação e parceria colaborativa que se mantém acesa por meio das orientações, tanto para elaboração e orientação de projetos de ICs dos professores participantes de outras IES, como para geração de artigos. Nesta fase acompanhamos todas as etapas junto com o professor. Assim, a dedicação à pesquisa é total e não mero cumprimento de tarefa.

A dinâmica do Lageres vem delineando sua contribuição com a cultura científica, ressaltando seu aspecto evolutivo e progressivo, como nos ensinou Anísio Teixeira. Homem de ciências, de natureza inovadora demonstrou com seu estudo sobre a cultura grega (TEIXEIRA, 1955) a existência da dualidade, da dicotomia ainda acentuada no centro da cultura científica. A luta do educador esteve na denuncia desta problemática e perspectivou o aprimoramento da ciência por meio dos valores e da superação do dogmatismo e da centralidade da autoavaliação.

Observa-se que o planejamento dos projetos descritos anteriormente, inicia-se com a TABDN. Já o planejamento de cada dimensão é ajustado a cada pesquisador, considerando a intelegibilidade e a incerteza que são intrínsecas na pesquisa. De outro modo, devemos enfrentar a ordem e a desordem como elementos de qualquer sistema/processo. Afinal, a pesquisa é uma intenção de estudo que está sujeita aos imprevistos, rupturas e incertezas, portanto, nem sempre as melhores escolhas são feitas no momento de projetar o estudo, mas ao longo de seu desenvolvimento. Deste modo, alguns iniciam pela metodologia, com aplicação de testes com uso de instrumentos de coleta de dados, considerando sua experiência e

conhecimento teórico. Vale esclarecer que a experiência tem demonstrado que quanto mais conhecimento teórico melhor para pensar a metodologia de estudo (inteligenciabilidade). Também conta a vida profissional e o momento pessoal-familiar (imprevistos ou incertezas) que infere no desenvolvimento do projeto. Um exemplo de inferência profissional para ilustrar o apontado, é o caso de um coordenador de curso estar passando pela avaliação do MEC. Seus esforços se concentraram neste processo. Então, a orientação quanto ao planejamento das etapas foi eleger a de causar menos impacto e de sofrer menos com o distanciamento do pesquisador-coordenador de seu objeto de estudo. A dimensão metodológica ajudou, pois ele se concentrou em processo a ser realizado, ou seja, se dedicou no levantamento de artigos, livros, imagens correlatas ao seu estudo, sem abandonar o mestrado (vontade manifestada). São inúmeros esses casos de professores que assumem cargo de gestão e se veem sem condições de pesquisar.

Ciente dos riscos de interrupções de uma pesquisa, o Lageres adotou para seu funcionamento e controle dos seus processos, a ideia de Morgan (1996 *apud* SERVA; DIAS; ALPERSTEDT, 2010, p. 282) de que a interação de um sistema com seu ambiente “é um reflexo e parte de sua própria organização, o que leva ao entendimento de que o ambiente não está dissociado do sistema, sendo, na verdade, parte dele”.

É notória a relação entre caos e ordem da complexidade de Morin (1982) que distingue, mas não separa as coisas, e, aqui a relação paradoxal autonomia e dependência é vizível e deve ser prevista. A gestão deve considerar as memórias de perdas e ganhos para autoavaliar.

Importa assinalar que todas as etapas são devidamente registradas com assinatura de termo de anuência e concordância no resgistro e divulgação de narrativas, sons e imagens. Assim, atualmente temos um banco de dados de projetos de cada pesquisador, como de registro da vida no Lageres.

As atividades desenvolvidas foram modeladas na sequência elaborada pelo Lageres. Assim, para o desenvolvimento das atividades foram programadas e cumpridas diferentes tarefas acadêmico-científicas e administrativas que ocorrem nos encontros/reuniões semanais.

No período de agosto de 2010 a maio de 2014 foram realizadas em um total de 128 encontros, durante o período de 32 meses. As atas, todas assinadas, retratam os temas trabalhados e refletem nas participações em eventos.

Foram organizados e realizados dez Seminários Analíticos de Temas Interdisciplinares – SIAT.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão de um grupo de pesquisa implica em fatores políticos, acadêmicos e administrativo. Mostramos como estes são engendrados entre si, e, a busca por parcerias para constituir uma rede de pesquisadores e de seus grupos para o fortalecimento e qualificação de seus estudos é um bom caminho para aprimorar o seu gerenciamento.

Para instigar outros a difundirem suas formas de gestão narramos a luta pela manutenção de um grupo de pesquisa, com seus fracassos e conquistas. Ambas norteadas pelas tomadas de decisões, com consciência sobre o que era ético, sem se esquecer da certeza do incerto, do caos da vida acadêmica, em especial, nas instituições que ainda não consolidaram sua cultura científica.

Descrevemos a história da criação do Lageres (2010), inicialmente denominado de GERES (2004). O feito se deu em razão da conquista do Edital 02/2010 do CNPq. A

persistência dos trabalhos nos levou a materialização de um grupo, sem garantia de sobrevivência nos espaços de ensino privado.

Sob o ponto de vista administrativo, a gestão do grupo de pesquisa Lageres, com seus 25 pesquisadores só foi possível pela ancoragem na Teoria da Administração, bem como na participação ativa de diferentes grupos de pesquisa com professores cuidadosos e rigorosos com a pesquisa científica.

A formação nos diferentes cursos até o doutorado assegurou este empreendimento. No entanto, seria desonesto se não considerássemos o apoio e a dedicação dos participantes nas atividades científicas, acadêmicas e sociais do Lageres. Afinal, a autora, líder do grupo de pesquisa deixa em evidência ser uma pesquisadora incassável e que se coloca como aprendiz a cada projeto e troca de liderança em diferentes momentos, como fazem os gansos em seus longos voos.

Apresentamos a gestão do conhecimento articulado ao de processo de desenvolvimento dos projetos de pesquisa. Assim, revelamos nossa dinâmica de elaboração, desenvolvimento e relato de pesquisa pautada nas DN, fruto de estudo de doutoramento em 2004 a 2006 (PUCSP).

As DN compõem o desenho de pesquisa desenvolvidas no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Representações Sociais na/para Formação de Professores situados na Unigranrio – Lageres/Unigranrio e descrita nas dimensões técnicas do presente relatório.

Em síntese, se objetivo deste artigo foi inicialmente o de desmistificar e difundir o gerenciamento de grupo de pesquisa passa a ser um desafio aos grupos de pesquisa compartilhar informações para agregar valor ao processo de gerenciar e produzir o conhecimento científico.

A criação de um grupo como vimos não é tarefa fácil, mas também não é impossível. O importante é ter a coragem de ousar criar seus próprios processos, cuidando para registrar a história do grupo que passa a ser parte da história das ciências brasileiras.

Se a organização documental é necessária, mais ainda, é importante, a dedicação às leituras, discussões em grupo, com os pares iguais e os diferentes, para um mínimo de honestidade científica.

A difusão dos conhecimentos e dos diferentes produtos como ativos tangíveis nas avaliações governamentais e científicos demosntramos que o ativo intangível, ou seja, a paixão pela pesquisa é decisória na sobrevivência de um grupo de pesquisa.

Enfim, se antes valia o dito postulado por Saint-Exupéry de que se alguém não sabe aonde quer chegar, tanto faz o caminho que escolhe, por que qualquer caminho leva a algum lugar, atualmente, não vale. Afinal, já sabemos, com os teóricos da administração, que se não se sabe onde está, então, a missão de se chegar a algum lugar específico, se torna quase impossível. Mesmo que se acredite que o acaso vai nos levar a algum lugar, já não cabe esta atitude imatura cientificamente.

4 - REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Osório. A Mentalidade Científica no Brasil. In Homens e Coisas de Ciências, 1925.

AMOSSY, Ruth. Imagens de si no discurso: a construção do *ethos*. Editora Contexto, 2013.

BAUER, Martin W.; GASKELL, Georges & ALLUM, Nicholas C.. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. Evitando confusões. In M. W. Bauer & G. Gaskell, Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Petrópolis: Vozes:2002, p. 17-36.

BRASIL. Manual de Oslo. Proposta de Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação Tecnológica Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento Departamento Estatístico da Comunidade Europeia. Paulo Garchet (trad.). Editora: FINEP, 2004.

BLEGER, J. Temas de Psicologia. Entrevista e Grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

BULGACOV, Sergio e VERDU, Fabiane Cortez. Redes de pesquisadores da área de administração: um estudo exploratório. *Rev. adm. contemp.* [online]. 2001, vol.5, n.spe, pp. 163-182. ISSN 1982-7849.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

KANNEBLEY JÚNIOR, Sérgio; CAROLO, Murilo Damião; NEGRI, Fernanda de. Impacto dos Fundos Setoriais sobre a Produtividade Acadêmica de Cientistas Universitários. *Estud. Econ.*, São Paulo, vol. 43, n.4, p. 647-685, out.-dez. 2013.

LAIA, Sérgio. Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIMA, Karina Kühl de and AMARAL, Daniel Capaldo. Práticas de gestão do conhecimento em grupos de pesquisa da rede Instituto Fábrica do Milênio. *Gest. Prod.* [online]. 2008, vol.15, n.2, pp. 291-305. ISSN 0104-530X.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, Feb. 2001.

MORIN, E. Ciência com consciência. Lisboa: Europa-América, 1982.

NOVIKOFF, C. (orgs.). Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa. In ROCHA, J.G. e _____. *Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242, 2010.

OLIVEIRA, Bernardo J.; FONSECA, Marina A. Concepções de Cultura Científica em diferentes períodos. *Scientiarum Historia II – Encontro Luso-Brasileiro de História das Ciências – UFRJ / HCTE & Universidade de Aveiro*, 2010.

PORTO, Cristiane de Magalhães (org.). Difusão e cultura científica: alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, 230 p. ISBN 978-85-232-0619-2. Available from SciELO Books. <<http://books.scielo.org>>.

RAYMUNDO, Paulo Roberto. O que é administração. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SERVA, Maurício; DIAS, Taisa; ALPERSTEDT, Graziela Dias. Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. *ERA*, São Paulo, v. 50, n. 3, jul./set. 2010, p.276-287.

TEIXEIRA, Anísio. O Espírito Científico e o Mundo Atual. In *Educação e o Mundo Moderno*, 1955.

VOGH, C. A Espiral da Cultura Científica. *Com Ciência*, Julho, 2003.